



Graziela Paro Caponi
MAIS PIMENTA, MENOS SAL

Inspirado pelo álbum homônimo de **DELUXE TRIO**

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

MAIS PIMENTA E MENOS SAL

GRAZIELA PARO CAPONI
uma história inspirada por
MAIS PIMENTA E MENOS SAL
DELUXE TRIO

SÃO PAULO, ABRIL DE 2010
1ª Edição

COPYRIGHT © 2010 BY GRAZIELA PARO CAPONI
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR

MENOS PIMENTA E MAIS SAL

GRAZIELA PARO CAPONI

EDIÇÃO: **DANILO CORCI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**



MAIS PIMENTA E MENOS SAL

GRAZIELA PARO CAPONI

Ficou ali parado por horas até que se moveu. Era deste jeito que vinha se mantendo desde que chegara ali: permanecia imóvel até os músculos doerem e, para evitar as câimbras, mudava de posição. Ou seja, mexia-se estritamente o necessário. Não queria tirar os olhos dela, não queria perder nem um segundo daquela luta desesperada entre ela e alguma força oculta que, ele sabia, funcionava apenas para tirá-la dele. E se pudesse falar com ela, ele simplesmente lhe pediria para ficar mais um pouco. E se ela pudesse ouvi-lo, jamais recusaria tal pedido. Como sempre, ela o atenderia sem pestanejar.

Definitivamente não fazia parte daquele ser, aparentemente tão delicado, desistir ou exonerar-se diante de uma súplica. Ela era a pessoa mais solícita que conhecera. Era tão doce e ao mesmo tempo tão “dura na queda”... Ela sempre fora mais forte que ele, pois, com toda aquela aparente fragilidade, nunca se cansara de lutar e, por tanto insistir, tinha conseguido conhecê-lo melhor que ele mesmo — e, realmente, o havia conquistado.

Ele gostaria de dizer-lhe que finalmente percebia: o tempo todo ela esteve correta quando dizia que tinham de ficar juntos porque se completavam. Era a teimosia dele que se harmonizava à sujeição dela; a amargura dele que sucumbia perante a esperança dela. Ela tinha a paciência, a dedicação e a força para fazer por ele o que nenhuma outra faria. Ela o adorava, e ele a admirava por ser tão inteligente, tão independente, tão autossuficiente... e precisar

dele. Ela seria capaz dos gestos mais altruístas possíveis para agradá-lo. Um ser humano tão livre, que dependia tanto da atenção dele e que, por vezes, se contentava com tão pouco. Ele não era capaz de dar amor integral a alguém. Mas ela não precisava de muito e se satisfazia, naquela gratidão extrema que lhe era peculiar, com as migalhas que ele tinha a lhe oferecer. Pelo esforço dela, sabia que teriam sido perfeitos juntos. Queria voltar atrás, ir até ela, abraçá-la forte e pedir-lhe desculpas por tê-la feito esperar tanto. Dizer-lhe que agora estava pronto, de fato, para finalmente, pela primeira vez, ser ele a dar o braço a torcer.

Porém, ela não podia ouvi-lo, ele sabia bem. Não só pela imensa quantidade de aparelhos que pendiam de todos os cantos da parede em direção a ela — e que, a ele, pareciam que estavam ali apenas para sufocá-la —, mas principalmente pelo diagnóstico que o médico lhe dera, e no qual ele recusava-se a acreditar: morte cerebral. Ela nunca mais processaria mentalmente nenhuma das palavras dele, mesmo as que esperara até o fim da vida para escutar. Ele tinha um nó na garganta muito forte agora. Deu-se conta de que poderia falar tudo agora. Não precisava ter vergonha ou medo, pois não tinha mais nada a perder. Ali, naquele quarto branco, impiedosamente limpo e branco, tinha perdido tudo.

Justo ela, que sempre fora tão viva, e que lhe dera as melhores respostas nos momentos mais oportunos. Logo o cérebro dela, que sempre emitia frases de uma sagacidade impressionante, que o faziam rir ou sentir raiva quando menos esperava parado, para sempre parado. Impossibilitado de produzir qualquer som, gesto ou frase. Nem aquelas frases que surpreendiam tanto, mas tanto, a ponto de deixá-lo bestificado. E toda a inércia que ela já lhe fizera sentir não se

comparava à imensa e impotente frustração que sentia naquele instante. “Ela está indo embora”, pensou. E mais uma vez sem se despedir decentemente. Os outros órgãos dela funcionariam mais um pouco e logo parariam. Todos tomados velozmente pela doença. Tudo rápido, trágico e tétrico. Ela não teria escolhido outra forma de morrer; senão surpreendendo-o de novo e pela última vez deixando-o bestificado. Ele não sabia quanto tempo ainda tinha. E definitivamente ela não se despediria.

Agora ele dava tudo para vê-la dizendo aquele obtuso “adeus”. Ele sempre ficava revoltado com a mania que ela tinha de usar esta palavra. Pra falar a verdade, ele nunca entendeu muito bem por que diabos ela sempre lhe vinha com aquela história de que cada dia podia ser o último, e que por isto mesmo gostava de dizer “adeus”. Não tinha certeza se falaria com ele novamente, preferia encerrar a conversa com alguma palavra definitiva. “Cada dia pode ser o último? Cada conversa pode ser a última? Mas que raios de papo pessimista é este?”. Provavelmente, a própria vida houvesse se imbuído de dar a ele, cada vez que ela dizia aquilo, uma chance de ceder, e sucumbir aos próprios sentimentos e vontades. Possivelmente, de alguma forma ela sempre soubesse que ficaria pouco e, por isto mesmo, aquela fixação imbecil pelo “último dia”. Agora aquele dia ERA o último. E ainda assim, ele não tinha coragem de simplesmente dizer adeus.

Talvez não conseguisse porque sabia não ter vivido tudo o que a vida lhe presenteara com a chance de viver. Aquilo era único, agora ele sabia, e havia desperdiçado a oportunidade. Os dois, justo os dois, seres mais arredios e desconfiados da face da Terra, haviam se quedado de amores um pelo outro.

Mas ela, reconhecendo a dádiva, se dispusera a abrir mão de tudo e ficar com ele. Este tipo de atitude lhe soava ridícula; afinal de contas, a vida não é último capítulo de novela para ela bancar a mocinha feliz e ele o mocinho heróico. Ela lhe pedia para que parasse de ser fresco, para que ficassem juntos logo. Que patético. Ele não ia dar o braço a torcer. “Nem a pau”, como ela costumava dizer. Engraçado como todas as coisas que ela dizia lhe pareciam tão nítidas agora. Como os afagos dela, que ele tanto recusara, lhe enlouqueciam por saber que nunca mais os teria. Tanto desejo incontido, tanta palavra torta, tanto joguinho de conquista, tanta briga fútil... Tudo pela relutância dele em reconhecer que aquela excêntrica era na verdade a única pessoa que o faria sair da sua própria redoma e tentar mais uma vez. Porque aquela criatura louca era a pessoa mais sensata que conhecia, ao menos quando se tratava de sentimentalidades e coisas do tipo. Ela se dispunha a mudar tudo por ele. Era tão submissa, tão verdadeira, tão intensa. Tão apaixonada. A única coisa que não abdicaria eram aqueles rocks estranhos que ela achava delirantes. E com os quais ele não conseguia parar de implicar. “Caramba, como você consegue gostar disto?”.

Ele sentia uma repulsa enorme quando via, ou ouvia, o que ela gostava de escutar. Sua lista de álbuns favoritos tinha bandas estrangeiras com nomes tão extensos que nem ela mesma conseguia pronunciar. A ele, pareciam trava-línguas. Eram estranhos, diferentes, desconhecidos. Ele não entendia porque ela tinha aquela predileção pelo diferente. “Você já gostou tanto de uma música, a ponto de te fazer gritar e chorar e ao mesmo tempo enquanto a ouvia?”. “Homem não chora”, ele limitou-se a responder. Era estranho, agora a única coisa que pensava é que certamente iria chorar quando finalmente ela se fosse.

E reconhecendo a dor da perda, estaria tomando a primeira atitude realmente “de homem” em sua vida.

E quando isto lhe vinha à cabeça, ele só conseguia pensar no quanto fora tolo, aquele tempo todo se esquivando do que não devia renunciar. Ah, quando finalmente compreendera tudo! Ela não podia gostar do comum porque era singular. É, ela gostava de umas coisas estranhas. Não era de se surpreender que aprendera a gostar justo dele. Era especial, incrível. Única, sempre fora única. E sempre fora dele. Pena que ele não soubesse o quanto era efêmera, frágil, etérea.

Sentia vontade de segurar a mão dela e dizer que nos últimos dias, desde que a infecção começara a tomar conta dos órgãos dela, tinha se sentado para escutar todas as músicas que ela tanto amava, e que tinha descoberto mensagens bonitas e sábias que, agora entendia, eram gritadas e choradas por ela como se falasse diretamente com ele... Ele comprara todos aqueles álbuns baratos e ouvira um por um. Enquanto inconscientemente ela lutava pela vida, ele, em vida, começara tardiamente a ganhar consciência.

Mas nada daquilo a faria ficar, nada a tinha feito permanecer. Decerto deve haver alguma coisa capaz de fazê-la levantar-se e abraçá-lo mais um pouco. Ou de fazer voltar os momentos, para algum ponto onde eles pudessem dançar. Onde os espasmos dela, na cama, não seja apenas efeito de substâncias reagindo com um corpo inerte – mas sejam de lucidez, de outras químicas. Deve haver um lapso de tempo ou espaço onde ela possa segurar mais uma vez a mão dele. Tem de existir alguma forma de voltar àquele dia em que ela, distraidamente, passeava com o dedo pelos contornos do rosto dele, fazendo-o duvidar que

uma coisa tão boba podia entreter tanto aquela maluca ali, tão carinhosamente aninhada em seu peito. É que ela o adorava. E ela teria morrido por ele, se o destino não houvesse se encarregado de fazê-la morrer de outra forma.

Sentia-se cada vez mais sufocado e louco com a idéia de que ela estava partindo. Queria quebrar aquele ciclo absurdo e injusto. Ou, pelo menos, quebrar o silêncio – e tampar com música aquele compasso maldito do aparelho que assinalava as últimas batidas cardíacas dela. Aquilo lhe parecia um baterista de banda ruim marcando o tempo de uma música pior ainda. E se pusesse fazer, por ela, algo do que realmente adorava? Pegou seu velho discman, e deixou tocando. O volume estava baixo, mas aos poucos o quarto foi tomado pelo som. Bateria, baixo, guitarra. Tudo muito simples. Era lindo, não podia negar. Era envolvente. Cada nota, cada palavra, era parte dela. Era aquilo que a mantinha viva e firme nos momentos mais difíceis. Ela respirava aquilo tudo. Era consolada, fortalecida e muitas vezes até embalada por aquele som. Ele, que antes julgava medíocres aqueles sons tão simples e nem um pouco radiofônicos, finalmente passava a respeitá-los e admirá-los. Eram aqueles instrumentos, vozes e letras, que ficavam ao lado dela todas as vezes em que ele a deixava de lado. Toda vez que ele a rejeitava, era para eles que corria. E eles tinham conseguido fazer dela alguém ainda melhor. Era seu refúgio, seu alento, sua companhia – a música lhe curara dores da alma. Quem sabe não curaria também as dores que seu corpo tinha sentido nos últimos dias? Quem sabe ela, ouvindo novamente a música que fora por tanto tempo o seu hino, não começasse ali mesmo a chorar e gritar? Quem sabe...? Ela sempre o surpreendia, oras. Sabia, inconscientemente, que ela não iria antes da última música. Seria

irônico demais. Se bem que ela sempre fora irônica, uma brincalhona nata. “Meu Deus, como eu gostava daquele sarcasmo!”. Aquilo sim lhe parecia uma piada de péssimo gosto: ele parado frente a uma morta-viva, ouvindo punk rock (ou seria hardcore? Ele nunca sabia a diferença) e pensando em coisas absolutamente inúteis.

Não, ela não podia estar brincando desta vez. Era como se o corpo dela estivesse se esvaziando aos poucos. Era doloroso demais ver alguém tão jovem, e com tantas vontades e sonhos, deixar a vida assim, antes mesmo de terminar a faculdade. Quando ele, recém-formado, a conheceu, ela era apenas uma estudante idealista. Que realmente achava que seria uma grande profissional e mudaria o mundo. O tempo foi passando e ela nunca deixou de acreditar nisto, mesmo diante das lamentações e decepções dele com aquela maldita profissão. “É sempre tão injusto! Sempre!”; ela não acreditava quando ele dizia isto. E falava que ia fazer a Justiça acontecer nem que fosse à marra, pegando os juízes pelo braço e fazendo-os deferir felicidade por aí.

Naqueles dias, travaram embates ideológicos mais profundos que os musicais. Ele sentia-se entediado e desacreditado em relação à profissão que escolhera, meio que a esmo. E não sabia muito bem responder por qual razão tinha feito tal escolha, quando ela o questionava em relação a isto. “Acho que é porque queria ter um escritório grande cheio de estagiárias gostosas”. Ela fazia cara de ofendida, mas ria. E nestes momentos, tudo o que mais queria era levá-la consigo. Todos os dias, quando almoçava, solitário, tendo por única companhia suas pastas e peças, sentia falta do riso dela. Da tristeza amargurada dela quando perdiam. Dos sonhos, dos planos.

Ele a tivera algumas poucas vezes, e relutava em levar adiante. Não queria um relacionamento. Não estava pronto — e ponto. Ela tremia de raiva cada vez que ele dizia que não poderiam ter romance algum, ao menos por enquanto. “Se não agora, quando?”, ela perguntava; “Um dia, um dia...” ele respondia, displicentemente, fingindo que não se importava. Ela batia a porta, saía. Ela o cobrava raramente, nos meses que seguiram. Aquilo a magoava, ele sabia. E por isso mesmo, foi deixando-a de lado. Ela, aos poucos, foi perdendo a vontade de procurá-lo, foi se afastando. Os laços de amizade foram se enfraquecendo. Ele tentou não dar importância ao fato, porque sabia que, mentalmente, ela ainda acreditava. Ele esperava, sabia que tudo se resolveria com o tempo... O tempo...

Tinha ouvido um chefe comentar que uma vez a flagrara chorando na sala de arquivo. “Essa menina se envolve muito com as histórias dos clientes; um dia ela se acostuma a não se importar”. Ele sabia que, naquele dia, tinha sido por sua culpa, e não pelos fracassos profissionais, que ela tinha chegado a chorar. Mas não se importou. Achou que logo ela ia esquecê-lo. Era jovem, cedo ou tarde se apaixonaria novamente. Ainda que que sentisse falta dela, não iria mais procurá-la. Pelo menos até se estabilizar, ou até que ela se tornasse adulta, até que o tempo se encarregasse de sanar todas as feridas e resolver tudo. De certa forma, ele continuaria perto dela. Por que ela iria se importar?

Longe dela, porém, quem tinha aprendido a se importar fora ele. Sentia falta de tudo: dos cafés e dos mimos. Ela era dedicada, realmente prodigiosa. Certamente nunca se entregaria ao tédio e à descrença. Teria ido longe. Se não fosse a maldita doença, que ele mesmo só soubera tardiamente. E quando tinha chegado, já havia encontrado não mais a garota cheia de vida, cheia de sorrisos,

que tanto lhe causava desejo e repulsa, mas cama. Coma.

Faltava pouco menos de três meses para a formatura dela. E ela não ia colocar vestido longo, tomar champanhe e fazer juramentos de defender os fracos e oprimidos. Ela não ia atender seus próprios clientes, chorar por eles. Ela não ia mudar o mundo por sua própria conta – mas sim por torná-lo um pouco mais triste com sua ausência. Se ele pudesse, agora, peticionaria ao Criador, pedindo sobrestamento do feito. Mas as decisões celestes transitavam em julgado rápido demais. Não cabia mais recurso. “É sempre tão injusto! Sempre!”. Tinha certeza que agora ela acreditaria nele.

Oras, ele era jovem. Cedo ou tarde se apaixonaria novamente, ou, mais precisamente, se casaria e seguiria sua vida metódica e racional. Monótona? Que nada, correta. Ela tinha sido apenas uma mancha vergonhosa em sua lista de “conquistas gloriosas”. Mancha que o tempo se encarregaria de apagar já que nem a mais moderna tecnologia hospitalar fora capaz de conservar.

Por que não deixar aquela moribunda ir-se em paz? Naquele quarto não haviam sonhos, não haviam flores. Dois passos do necrotério. Ela não tinha família mesmo, sabia que os poucos parentes que ainda possuía chegariam a tempo de providenciar-lhe um enterro simpático, chorar um pouco, fingindo dar a ela uma atenção que nunca teve. Se chegassem e o vissem ali, o encheriam de interrogações.

Eles perguntariam a ele quem era, e não saberia responder. “Um amigo”, pensou. Amigo? Sabia que ela nunca permitiria que ele se apresentasse assim. Porque ela sempre lhe deixou claro que ele era muito mais. Mas não chegava a ser namorado, não chegava a ser marido. Ele não era nada. Tinha mais que jogar

aqueles discos fora e deixar o hospital. Como podia terminar algo que nunca tinha existido? E como ela podia sair da sua vida se ele sequer a deixara entrar? Sentia-se envergonhado por estar ali. Era muito vexatória aquela situação. Tremendamente constrangedor. O que podia fazer? Não havia mais nada.

Tão preocupado estava com aqueles pensamentos que mal se deu conta de que aquelas batidas descompassadas, de repente, se converteram num ruído monossônico. Não havia mais nada – como se, com um último toque nos pratos, fosse finalizada a bateria de um coração que não funcionava mais. Não havia mais nada. O quarto estava no mais completo silêncio. Ela se foi quando a última música acabou de tocar.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br